

TECNOLOGIAS NO ENSINO DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA INGLESA: USOS E APLICAÇÕES DE FERRAMENTAS DIGITAIS EM ESCOLAS PÚBLICAS

Data de submissão:

Data de aceite: 01/08/2023

Débora Regina Mattiello

“Não podemos prever o futuro, mas podemos criá-lo.”

(Peter Drucker)

RESUMO: No mundo globalizado de hoje, muito se fala sobre as transformações que estão acontecendo por conta das tecnologias, uma vez que facilitam cada vez mais a vida dos indivíduos. Este trabalho retrata as tecnologias no ensino da língua inglesa, principalmente as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com relação às dificuldades com o uso e aplicação das ferramentas digitais em escolas públicas. O objetivo geral consiste em analisar as dificuldades diante do uso das tecnologias digitais no ensino da gramática de língua inglesa na Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa de Seara, Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, já que não serão levados em consideração dados quantitativos, mas sim as respostas

obtidas na pesquisa de campo. Muitos pesquisadores - entre eles Kenski (2007), Rojo (2012), Santos (2010), Beatos (2010), Aragão (2010), Paiva (2001), Leffa (2012) - vêm propondo e discutindo a importância do ensino mediado pelas tecnologias digitais, principalmente quando se trata de aprender uma nova língua. Porém, a inserção das tecnologias na educação é recente e, com a falta de formação de profissionais da educação, tem-se tido problemas com o uso de tais recursos em sala de aula. Disso, emergem as seguintes perguntas: Quais são as dificuldades encontradas nas dinâmicas virtuais no ensino da gramática da língua inglesa em escolas públicas? Como essas dificuldades afetam os planejamentos de professores e o aprendizado dos alunos? Quais fatores auxiliam para que essas dificuldades se tornem maiores? Buscando responder tais perguntas, primeiramente foi desenvolvida uma pesquisa de cunho bibliográfico, procurando saber mais sobre as tecnologias e o uso delas para o ensino da língua inglesa; foi também realizada uma pesquisa documental para entender de que forma os documentos oficiais mencionam processos formativos e as TDICs. Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo, com alguns profissionais da área de língua

inglesa, a qual tratamos sobre as dificuldades que possuem perante ao ensino da língua inglesa com o uso de tecnologias. Com base nas informações coletadas, foi feita uma análise das respostas em que possibilitou confirmar algumas das teorias postas, além de também entender as dificuldades desses profissionais e posteriormente foi elaborada uma trilha formativa para o uso das TDICs na educação de acordo com o resultado das entrevistas. Essa trilha poderá servir como ferramenta para o aprimoramento tanto do ensino como da aprendizagem. Esta pesquisa contribuirá para que esses profissionais que vieram de outras gerações, possam utilizar essas tecnologias e transformar a educação no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: TDICs. Ensino. Língua Inglesa. Gramática.

ABSTRACT: In today's globalized world, a lot has been said about the transformations that are happening because of technologies, as they increasingly facilitate the lives of individuals. This work portrays the technologies in the teaching of the English language, mainly the Digital Information and Communication Technologies (DICTs), regarding the difficulties with the use and application of digital tools in public schools. The general objective is to analyze the difficulties with the use of digital technologies in the teaching of English grammar at the Raimundo Corrêa Basic Education School from Seara, Santa Catarina. This is qualitative research, since quantitative data will not be taken into account, but the answers obtained in the field research. Many researchers - including Kenski (2007), Rojo (2012), Santos (2010), Beatos (2010), Aragão (2010), Paiva (2001), Leffa (2012) - have been proposing and discussing the importance of teaching mediated by digital technologies, especially when it comes to learning a new language. However, the insertion of technologies in education is recent and, with the lack of training of education professionals, there have been problems with the use of such resources in the classroom. From this, the following questions emerge: What are the difficulties found in virtual dynamics in teaching English grammar in public schools? How do these difficulties affect teacher plans and student learning? What factors help to make these difficulties become greater? Seeking to answer such questions, firstly, a bibliographic research was developed, seeking to know more about the technologies and their use for the teaching of the English language; A documentary research was also carried out to understand how official documents mention training processes and DICTs. Then, a field research was carried out, with some professionals of the English language area, which discussed the difficulties they have in the teaching of the English language with the use of technologies. Based on the information collected, an analysis of the responses was carried out in which it was possible to confirm some of the theories put forward, in addition to also understanding the difficulties of these professionals and later a training trail was elaborated for the use of TDICs in education according to the results of the interviews. This trail can serve as a tool for the improvement of both teaching and learning. This research will contribute so that these professionals who come from other generations can use these technologies and transform education in the school environment.

KEYWORDS: DICTs; teaching; English language; Grammar.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho retrata as tecnologias no ensino da língua inglesa, principalmente as

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), com relação às dificuldades com o uso e aplicação das ferramentas digitais em escolas públicas. O objetivo geral consiste em analisar as dificuldades com uso das tecnologias digitais no ensino da gramática de língua inglesa na Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa de Seara, Santa Catarina. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, já que não serão levados em consideração dados quantitativos, mas sim as respostas obtidas na pesquisa de campo.

Esta pesquisa é relevante porque, principalmente em escolas públicas, muitas vezes não se tem equipamentos que auxiliam no bom andamento das aulas. Várias foram as vezes em que os professores, para tornarem o ambiente de sala de aula mais dinâmico, tiraram de seus próprios bolsos e levaram para a sala de aula. Além disso, muitos profissionais não têm conhecimento sobre as tecnologias, não sabem manusear, nem produzir conteúdos para seus alunos. Por serem da Geração X ou Y, a formação desses profissionais foi completamente diferente. Eram raros os casos em que se usavam computadores em sala, sendo restritos somente para pesquisas. Alguns professores ainda estão se adaptando com a chegada desse turbilhão de tecnologias. Parte dessa adaptação, a necessidade de cursos de formação.

No mundo globalizado de hoje, muito se fala sobre as transformações que estão acontecendo por conta das tecnologias, uma vez que facilitam cada vez mais a vida dos indivíduo. Quando se fala em tecnologias digitais da informação e comunicação, sempre vêm à mente computadores e smartphones, que auxiliam no desenvolvimento de negociações, comunicações, informações e também na área educacional, como por exemplo, elas são importantes ferramentas para aprender uma nova língua. A língua inglesa é a que está mais inserida na aprendizagem mediada pelo computador (KENSKI, 2007).

Muitos pesquisadores¹ vêm propondo e discutindo a importância do ensino mediado pelas tecnologias digitais, principalmente quando se trata de aprender uma nova língua. Porém, a inserção das tecnologias na educação é recente e, com a falta de formação de profissionais da educação, tem-se tido problemas com o uso de tais recursos em sala de aula. Disso, emergem as seguintes perguntas: Quais são as dificuldades encontradas nas dinâmicas virtuais no ensino da gramática da língua inglesa em escolas públicas? Como essas dificuldades afetam os planejamentos de professores e o aprendizado dos alunos? Quais fatores auxiliam para que essas dificuldades se tornem maiores?

Buscando responder tais perguntas, primeiramente foi desenvolvida a seção dois, que consiste na fundamentação teórica, a qual elaborado uma pesquisa de cunho bibliográfico, procurando saber mais sobre as tecnologias e o uso delas para o ensino da língua inglesa; foi também realizada uma pesquisa documental para entender de que forma os documentos oficiais mencionam processos formativos e as TDICs. Em seguida, encontra-se na terceira seção, os procedimentos metodológicos, os quais informam passo a passo do progresso da pesquisa. Depois, foi feita uma pesquisa de campo, com alguns profissionais da área

¹ Kenski (2007), Rojo (2012), Santos (2010), Beatos (2010), Aragão (2010), Paiva (2001), Leffa (2012), etc.

de língua inglesa. Nesta etapa, serão perguntados sobre as dificuldades que eles têm com relação ao ensino da língua inglesa e com o uso de tecnologias.

Com base nas informações coletadas, compôs-se o quarto tópico desta pesquisa, a apresentação e discussão dos dados das entrevistas. Posteriormente, na quinta seção, a trilha pedagógica, foi então elaborada uma trilha formativa para o uso das TDICs na educação. Essa trilha poderá servir como ferramenta para o aprimoramento tanto do ensino quanto da aprendizagem. Esta pesquisa irá contribuir para que esses profissionais que vieram de outras gerações, possam utilizar essas tecnologias e transformar a educação no ambiente escolar. O produto final deste trabalho poderá servir como ferramenta para o aprimoramento tanto do ensino quanto do processo de aprendizagem.

Por último, na sexta seção, situa-se às considerações finais do trabalho, ressalta-se que as tecnologias são um meio de suporte. Assim, para e por meio dela a educação pode ser feita com mais dinamicidade e facilitar tanto o aprendizado dos estudantes quanto o planejamento dos professores.

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

"A educação precisa tanto de formação técnica e científica como de sonhos e utopia."

Paulo Freire

Nesta seção, tem-se por objetivo traçar um panorama das TDICs no campo da educação no Brasil. No primeiro tópico, é traçado um panorama, com histórico e significados das diferentes tecnologias. No segundo tópico, são descritas as tecnologias digitais da comunicação e da informação no ensino, colocando em destaque o letramento digital. No terceiro tópico, estão as TDICs voltadas para o ensino de língua inglesa. E, no quarto tópico, são apresentadas as potencialidades e dificuldades de ensino de língua inglesa por meio das tecnologias.

2.1 Panorama das tecnologias

Na atualidade, em todos os lugares pode-se encontrar a presença das tecnologias - até mesmo num simples movimento de ligar um interruptor ao acordar, tem-se contato com o meio tecnológico.

Como afirma Kenski (2007, p. 15), essa ferramenta é tão antiga quanto os seres humanos:

Na idade da pedra, os homens - que eram frágeis fisicamente diante de outros animais e das manifestações da natureza - conseguiram garantir a sobrevivência da espécie e sua supremacia, pela engenhosidade e astúcia que dominavam o uso de elementos da natureza.

Desde os primórdios da humanidade, no período Paleolítico, os homens usavam a criatividade para construir instrumentos de caça, locomoção e moradia para a sobrevivência. Com o passar dos anos, eles foram aperfeiçoando suas técnicas, começaram então, no período mesolítico, a utilizar o fogo para aquecer-se, espantar animais, cozinhar aquilo que pescavam/caçavam, entre outras coisas (KENSKI, 2007).

A seguir, no período neolítico, os homens desenvolveram a técnica/habilidade da lapidação das pedras, confeccionando instrumentos e aperfeiçoando seus atributos de corte e perfuração, facilitando a caça e a pesca, por exemplo.

Em conjunto com a pedra polida, vários progressos técnicos são mencionados na literatura e usufruem de grande popularidade entre eles a tecelagem (permitindo a confecção de vestimentas em tecidos – substituindo-se as vestes de pele), a cerâmica, a descoberta da roda e a tração animal. (ANJOS; SILVA, 2018, p. 9)

Vê-se então, que a tecnologia é também usar uma vestimenta além da própria pele, já significa que se utiliza de uma tecnologia facilitadora de vida. A descoberta da roda e da tração animal faz pensar nos desenhos infantis, como o Pica Pau, em que faz essa alegoria com o mundo pré-histórico.

Assim, a partir dessa época surgiram os metais e o ferro que auxiliaram ainda mais na questão de sobrevivência da população humana. Séculos depois, a Revolução Industrial também contribuiu para a evolução das tecnologias, principalmente aquelas voltadas às indústrias. Desde então, cada passo e progressão feita só foi concretizada com o uso e criação de tecnologias novas e inovadoras, a começar pelos utensílios de pedra (ainda na pré-história) até o robô enviado a Marte para observação (em tempos mais recentes) (KENSKI, 2007).

Através desta progressão de acontecimentos, pode-se dizer que a tecnologia é o resultado da junção do conhecimento e da criatividade, que são criadas e aplicadas nas diversas áreas e campos de atuação. Segundo o Dicionário Houaiss Conciso (2011, p. 899. Grifos do texto original), a palavra tecnologia consiste em:

1 Conjunto dos conhecimentos científicos, dos processos e métodos usados na criação e utilização de bens e serviços (*t. da informação*) **2** técnica ou conjunto de técnicas de um domínio particular (*as novas t. cirúrgicas*) [ETIM: gr. *tekhнологία*, *as* 'id.] **t. de ponta** loc.subst. aquela que se utiliza de técnicas de última geração.

Assim, para se desenvolver tecnologias, precisa-se de conhecimento tanto científico como dos métodos e dos processos. Tecnologias não englobam somente computadores e celulares, mas também métodos que ajudam a facilitar a vida do ser humano (KENSKI, 2007).

Com a rapidez do desenvolvimento tecnológico, surgiram então as tecnologias digitais, o qual por meio delas é possível representar e processar qualquer tipo de informação. Teve início com a máquina de escrever, passando posteriormente para os

computadores e equipamentos digitais, utilizados inicialmente para a digitalização de documentos (KENSKI, 2007).

Segundo o dicionário Michaelis Online (2022, s/p.) a palavra digital corresponde:

1 Impressão deixada pelos dedos. **2** BOT *V Dedaleira*. **3** BOT Planta (*Sanchezia nobilis*) da família das acantáceas, originária do Equador, de folhas listradas e flores amarelas utilizadas em rituais indígenas; folha-da-independência. **4** INFORM **Computador que opera com quantidades numéricas ou informações expressas por algarismos.** **5** INFORM **Computador cujos dados são processados por representações discretas.** (Grifos meus)

Isso significa, analisando as frases destacadas, que digital quer dizer todo o tipo de equipamento ou aparelho de transmissão, processamento ou armazenamento de informações e que podem também ser utilizadas na comunicação (KENSKI, 2007).

Desse modo, nos ambientes digitais incluem-se as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Segundo Kenski (2007), as TDICs seriam “[...] computação (a informática e suas aplicações), as comunicações (transmissão e recepção de dados, imagens, sons etc.) e os mais diversos tipos, formas e suportes em que estão disponíveis os conteúdos (livros, filmes, fotos, músicas, e textos).” Diante disto, percebe-se que nas últimas décadas, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação estiveram presentes no cotidiano e modificaram as formas de trabalhar, de se comunicar, de se relacionar e de aprender. Na Base Nacional Comum Curricular, BNCC (BRASIL, 2018, p. 473) confirma que,

A contemporaneidade é fortemente marcada pelo desenvolvimento tecnológico. Tanto a computação quanto às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) estão cada vez mais presentes na vida de todos, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc. Além disso, grande parte das informações produzidas pela humanidade está armazenada digitalmente. Isso denota o quanto o mundo produtivo e o cotidiano estão sendo movidos por tecnologias digitais, situação que tende a se acentuar fortemente no futuro.

Kenski (2007, p. 38) relata que as TDICs não são usadas somente como um suporte tecnológico, mas também possuem suas próprias linguagens, códigos e modos particulares de se comunicar/informar pessoas. Um exemplo é o aplicativo *Whatsapp*, que por meio dele as pessoas podem se comunicar de forma rápida e fácil, porém a linguagem utilizada nem sempre é a gramaticalmente padrão, acontecendo abreviações das palavras e muitas vezes junções das mesmas, para que assim facilite a comunicação. Quando os indivíduos participam deste tipo de comunicação, estão tendo contato com os novos tipos de interação.

Na pandemia do Covid-19, foram utilizadas plataformas de videoconferência compradas pelo Estado de Santa Catarina para auxiliar na comunicação e informação, como por exemplo o *Google Meet*. Essa plataforma foi e ainda é muito usada em diversas áreas, tanto nas áreas de negócios, empresas, comércio como na área da educação, e que

teve um importante destaque naquele período.

Como Kenski menciona,

Estamos vivendo uma nova era, em que transações comerciais são realizadas de maneira globalizada, ao mesmo tempo, entre organizações e pessoas localizadas nos mais diversos cantos do planeta. Cientistas de **todo o mundo se reúnem virtualmente** para realizar pesquisas e discutir resultados. Grandes volumes de dados são transmitidos, transferidos de lugares distantes em questão de segundos, transformando o planeta numa imensa rede global. (KENSKI, 2007, p. 40, grifos meus)

Analisando a parte grifada, o “todo o mundo” teve acesso às tecnologias digitais de comunicação e informação não é algo que se aplica em todas as partes do mundo. Nem todos tiveram a oportunidade de, mesmo distantes, conversarem com seus amigos e familiares, além de que a educação também foi impactada com o ensino em casa, em que os pais, muitas vezes, não sabiam como auxiliar os filhos e os professores tentando de toda maneira que o aluno tivesse acesso às aulas e aprendesse os conteúdos.

Cabe ressaltar que, a desigualdade social ainda é um fator que impede o acesso às tecnologias digitais e à rede global de dados. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de brasileiros que acessam a internet aumentou 75,3% nos últimos três anos. 56,4 milhões de pessoas, com idade de 10 anos ou mais, acessaram a internet pelo menos uma vez em 2008. Em 2005, eram 31,9 milhões. Os avanços são positivos, mas o levantamento aponta que pobreza e falta de escolaridade são entraves à democratização do acesso à internet. Portanto, essas dificuldades com o acesso a internet interferiram na chegada de recursos e na aprendizagem dos alunos na pandemia, mas não somente na pandemia, no ensino regular também pode-se perceber tal inferência. (IBGE, 2010)².

2.2 As TDICs e a educação: a questão do letramento

O homem e a construção do conhecimento sempre andaram juntos, desde os princípios da existência humana. Desde suas primeiras construções e expressões da realidade, o ser humano procurou se reinventar, criando condições com base na natureza para a sua sobrevivência. Com toda essa capacidade do ser humano, o mundo se transformou e continua em constante mudança, sempre natureza e conhecimento caminhando lado a lado (SANTOS, 2019).

Essas mudanças e transformações englobam as TDICs e a educação, já que foram bastante impactadas com todo esse processo, principalmente durante a pandemia, já que as aulas foram realizadas utilizando as tecnologias. As Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação estão oportunizando várias modificações, quando diz respeito à aprendizagem. Como é comentado por Santos (2019, p. 7),

² O IBGE realizou o último Censo em 2010 e estava em preparação para a realização do Censo 2020 quando eclodiu no País a crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19, forçando o IBGE a adiar a operação para 2022.

O que pode ser aprendido não é mais previamente planejado, nem precisamente definido. Os percursos da prática pedagógica e os perfis de competência estão se formando cada vez mais de maneira coletiva, e, cada vez menos, surge a possibilidade de canalizar-se em programas ou currículos que sejam válidos para todo o mundo.

Por meio das tecnologias, a educação se reinventou, tornando-se mais importante a imagem de espaços de conhecimento emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não lineares, dialógicos e dialéticos que se organizam de acordo com o meio em que se vive, do que a aprendizagem estruturada por níveis, organizada de acordo com os pré-requisitos, entre outras exigências (KENSKI, 2007).

Ao se pensar na palavra educação, segundo o dicionário Aurélio (2011, p. 345), diz respeito ao “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano, visando sua melhor integração individual e social”. Inevitavelmente, quando se fala em educação, pensa-se no letramento, no qual é adquirido através das experiências construídas no cotidiano. É um processo contínuo para lidar com as diversas situações quando falamos no uso da língua. Isto é, o letramento é quando consigo me comunicar, ler e escrever.

Ao se falar em letramento digital, refere-se à capacidade de “pesquisar, selecionar, utilizar as diversas ferramentas disponíveis para cumprir propósitos variados, é se relacionar, aprender constantemente, construir, transformar, reconstruir e compartilhar conhecimentos” (ANDRADE, 2014, p. 21). O letramento digital, então, é saber utilizar as ferramentas digitais, já que no mundo atual, vive-se em uma sociedade que temos acesso a qualquer informação apenas com um clique, mudando as formas de repasse de informação e também da comunicação.

Dessa maneira, pensa-se em multiletramentos. Rojo (2012), diz que os multiletramentos são centrados na ideia de multiplicidade cultural e de linguagens englobando os processos comunicativos. Segundo a autora,

Multiletramentos aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p. 13)

Nos dias atuais a educação e as tecnologias são aliadas no processo de ensino-aprendizagem. A maior parte dos jovens possuem seu próprio equipamento tecnológico (celular, *tablet*, computador), mas só sabem usá-los para fins de pesquisa e jogos.

A maioria das tecnologias, de um jeito ou de outro, são utilizadas na educação. Por exemplo, para começar, existe a iluminação das salas de aula; falando em tecnologias digitais de comunicação e informação, têm-se os celulares, computadores, entre outros, que colaboram no momento de pandemia mundial, para a comunicação e transmissão de informações entre professores e alunos (KENSKI, 2007).

Os ambientes virtuais estão a todo o tempo em constante mudança. Com esse processo, emerge a necessidade de uma Base Nacional Comum Curricular que possua como objetivos garantir aos discentes o direito de aprendizagem de conhecimentos e habilidades comuns em todas as escolas do país. Criada essa base, nela destaca-se uma das competências gerais da educação básica, a de número 5 em que trata da relevância das tecnologias:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 5)

Dessa maneira, através da BNCC (2018), o ambiente virtual passou a ser uma ferramenta de suma importância e o saber navegar, favorece a produção de conhecimentos, além de desenvolver técnicas, habilidades e competências não somente para a unidade escolar, mas além dela, o letramento digital.

De acordo com Kenski (2007, p. 46),

Não há dúvida de que as tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, sites educacionais, softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde anteriormente, predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor.

Como supracitado, todas essas tecnologias auxiliam de alguma forma a uma educação dinâmica, interessante e facilitada, ou seja, ao letramento digital. Mas para que isso se perpetue nas salas de aula, as TDICs precisam ser incorporadas e compreendidas pedagogicamente. Isto é, não basta somente usar o celular, computadores e *tablets*, mas tem que saber como usá-los de forma pedagógica, para que se tenha uma aprendizagem significativa (KENSKI, 2007).

Como a BNCC (2018, p. 111), prevê-se que para a concretização do letramento digital dos alunos e professores, “é preciso que se ofereça aos professores formação adequada para o uso das tecnologias da informação e comunicação e que seja assegurada a provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para os alunos”. Isto é, para que os professores saibam mediar/usar e produzir conteúdos adequados para serem utilizados essas ferramentas, faz-se necessário o preparo dos educadores. Porém na pandemia, a maioria dos professores não estavam preparados para a utilização tão intensa das tecnologias, muitos nem sabiam utilizar o computador para vídeo chamadas. Teria facilitado se tivesse sido disponibilizado com antecedência cursos formativos.

2.3 As TDICs e o ensino de língua inglesa

O ensino da língua inglesa está cada vez mais presente na sociedade e no cotidiano das pessoas como também as TDICs. Com a pandemia do Covid-19, que causou o distanciamento social, ocasionou também mudanças nas metodologias de ensino.

De acordo com a pesquisa realizada por Juciene Gouveia dos Santos (2020, p. 12),

a leitura e a escrita foram modificadas. Ainda nesse contexto houve uma transição do texto do papel que passou ao texto digital, das folhas do livro para a tela do computador e outros métodos, objetos e teorias que passaram a suprir as necessidades de professores e alunos na esfera educacional ao empregar diversos conteúdos como: pesquisas, músicas, imagens que podem ser compartilhadas a partir de murais virtuais, plataformas on-line, produção textual por meio de chat, e-mail, links, conversações interligando a Língua Materna com a Língua inglesa no ambiente virtual.

As TDICs proporcionaram mudanças significativas nas diversas áreas de utilização. Essa transição ocorreu após o surgimento das tecnologias digitais e, ainda mais, depois da pandemia. Cada pessoa se reinventou e, quando falamos do ensino de inglês, essas mudanças auxiliaram muito na construção de uma aula mais dinâmica, facilitando o ensino-aprendizado.

Esse novo cenário de ensino-aprendizado, focando na língua inglesa, baseado no uso das tecnologias, vem com perspectivas positivas com relação ao conhecimento adquirido pelos alunos, quebrando os modelos de ensino tradicionais. As novas formas de aprendizado devem acompanhar a evolução das gerações de alunos e, cada vez mais, os professores terão que se especializar para acompanhar as gerações que estão presentes nas escolas e que ainda estão por vir (SANTOS, 2020).

Além do papel que a língua inglesa desempenha na sociedade, tornou-se imprescindível o seu aprendizado, já que é a língua franca de comunicação e informação mundial, principalmente no meio dos negócios (SANTOS, 2020).

Contudo, conforme o British Council (2015), os professores não possuem uma definição exata sobre qual a função da língua inglesa para a vida dos estudantes. Dos professores, 48% comentam papéis como “torná-lo um cidadão do mundo” e “aumentar sua cultura geral”. Porém alguns entendem o inglês como um instrumento para o mercado de trabalho. A despeito disso, os dados indicam a falta de discussão ampla e de maneira sistemática sobre a relevância do ensino de inglês na formação básica.

Tomando tudo como ponto de partida, os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (BRASIL, 1998) de Língua Estrangeira dizem que o ensino de Língua Inglesa no Brasil tem pontos subjetivos:

Primordialmente, objetiva-se restaurar o papel da Língua Estrangeira na formação educacional. A aprendizagem de uma língua estrangeira, juntamente com a língua materna, é um **direito de todo cidadão**, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos,

publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo PEN-Club Internacional. Sendo assim, a escola não pode, mas se omitir em relação a essa aprendizagem. (BRASIL, 1998. p. 19. grifos meus).

De acordo com o que foi grifado, todos têm o direito ao ensino de uma segunda língua, e também de um ensino de qualidade imerso nos ambientes virtuais que permitem o acesso e o aprendizado de diversas maneiras, se feito com responsabilidade.

Segundo Marcuschi (2005, p. 13), “os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som”. Portanto, o papel da tecnologia digital no ensino de línguas está sempre se modificando e dessa maneira, facilitando e estimulando o aluno no discurso oral, além de também possibilitar o conhecimento da estrutura específica (gramática, fraseológico e lexical).

De acordo com Leffa (2012), no presente momento o ensino de línguas compõe-se por três linhas de ação: i) A primeira delas é a substituição da comunicação por uma série de estratégias diversas que atendem as condições de aprendizagem do aluno, a realidade do professor e o contexto em que tudo está inserido; ii) A segunda linha corresponde à interação da aprendizagem das línguas com o meio, tendo em vista a realidade social do aluno, e a partir dessa interação, pensando na aprendizagem em uma proposta prática e também ponderando na melhor maneira de incluir o estudante em seu meio, a solução seria a utilização da pedagogia de projetos; iii) A última linha diz respeito a pedagogia dialógica, a qual permite que o professor construa com o estudante um conhecimento linguístico, que valoriza o meio e que estão dispostos.

Segundo Santos, Beato e Aragão (2010), o computador é um dos principais recursos tecnológicos utilizado na aprendizagem de línguas, principalmente o inglês, conhecido como CALL (*Computer Assisted Language Learning*) que significa aprendizagem de língua por meio do computador. O CALL é uma ferramenta importante, um material complementar para as instruções e conhecimentos obtidos em sala, que facilita e auxilia tanto os professores como os alunos no momento da aprendizagem.

Vários pesquisadores do Brasil mostraram interesse nesta área de pesquisa. Um deles foi Júlio Cesar Araújo (2007) que, em seu livro “Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios”, comenta e argumenta sobre as contribuições das tecnologias no mundo da educação de línguas, além disso reuniu opiniões e textos de vários outros pesquisadores de como essas tecnologias da informação e da comunicação auxiliam no ensino-aprendizagem.

De acordo com Leffa (2005), o uso das tecnologias, principalmente do computador na educação, indica que é um instrumento mediador da aprendizagem.

O uso do computador como ferramenta mediadora da comunicação levamos a considerar textos que contemplam tanto a “interatividade tecnológica”, onde prevalece o diálogo, a comunicação e a troca de mensagens, quanto

à “interatividade situacional”, definida pela possibilidade de agir, interferir no programa e/ou conteúdo. (SILVA, 2000 apud BRAGA, 2001, p. 145).

Dado o exposto, o uso do computador proporciona independência tanto aos alunos como aos professores, que podem disseminar e ampliar seus conhecimentos por meio dessa ferramenta facilitadora. Consoante a essa ideia, Paiva (2001) afirma que essa independência criada pelo fator de adesão às tecnologias permite um maior aprendizado.

Com relação ao ensino da gramática da língua inglesa, até o século XIX, acontecia por meio da leitura, tradução e gramática. Havendo pouco ou nenhum trabalho com a oralidade, além de que o livro impresso era o meio tecnológico mais avançado. Depois, foram se desenvolvendo vários métodos para melhor ensinar a língua inglesa (SCHLINDWEIN; BOA SORTE, 2012).

Atualmente, com a utilização das tecnologias, a tradução, a leitura, a escrita, a fala, a audição e a gramática ficaram facilitadas no processo de ensino-aprendizagem. Ao falarmos de tradução, logo vem à mente o *Google Tradutor*, uma ferramenta online que auxilia nas traduções, além de outros aplicativos e dicionários online que podemos consultar de qualquer lugar. A leitura, a escrita e a audição em língua inglesa tornou-se algo prático e fácil com o uso de aplicativos e até mesmo do próprio *Google Tradutor*. Com relação à gramática, com dois cliques temos acesso a estruturas, exemplos e atividades para serem feitas online. Atividades de competição podem ser realizadas em sala de aula utilizando o celular, como por meio do Kahoot (KENSKI, 2007).

Com as tecnologias digitais da comunicação e informação no meio educacional, encontra-se respaldo nas teorias construtivista e sócio-cultural, já que são elas que falam sobre a importância da relação com o meio para a aprendizagem.

De acordo com Jean Piaget (1998), cada indivíduo aprende buscando informações no mundo e, desse modo, construindo seu próprio e único conhecimento e não por meio de informações que outros transmitiram.

Quando ensina-se aos estudantes como procurar informações na internet usando as TDICs, não será somente para aquele momento único de pesquisa, mas o que aprenderam nesse momento os tornarão mais responsáveis pela construção de seu próprio conhecimento, além da aprendizagem correspondente à comunicação, repasse de informações, também são muito importantes.

Ressalta Vygotsky (1984, p. 18), o papel imprescindível na linguagem quando fala:

Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

É através da linguagem e da interação com as pessoas que cada indivíduo vai adquirindo e ampliando seus conhecimentos. Quando se fala na aprendizagem de uma nova língua, no caso, a língua inglesa, precisa-se ter interação, porque é sua própria

natureza ter comunicação tanto oral quanto escrita.

O conceito de Vygotsky mais importante destacado neste trabalho é o zona de desenvolvimento proximal, que denomina como,

a distância entre o nível do desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1984, p. 97)

Por mais que este conceito tenha sido usado para relatar a aprendizagem das crianças, pode-se também explicar a obtenção de uma língua estrangeira. Segundo Vygotsky, ele chama de nível de desenvolvimento real quando uma criança pode fazer algo independentemente. Já a zona de desenvolvimento proximal seriam os problemas que precisam de algum nível de auxílio para que possam solucionar, mas que têm capacidade intelectual e motora para aprenderem por si só. Agora se olharmos para a aprendizagem de uma língua estrangeira, temos esses dois estágios. Por exemplo, um estudante de língua estrangeira desenvolve as habilidades de listening e writing da língua por primeiro, as outras habilidades (speaking e reading) precisará de auxílio, para que ele possa obter sucesso no meio comunicativo, ou seja, com a ajuda do professor. Isto é, o listening e o writing, ele desenvolveu sozinho (desenvolvimento real), já o speaking e o reading seriam os problemas que precisam de auxílio para serem desenvolvidos (desenvolvimento proximal).

Por conseguinte, dada a importância das tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino de língua inglesa, em que auxiliou, melhorou e dinamizou as aulas, em que antes eram tidas como tradicionais, agora podemos ensinar conteúdos difíceis brincando.

2.4 As TDICs e a gramática da língua inglesa

A palavra gramática faz surgir o pensamento sobre estudo de regras e coisas complicadas de serem entendidas, o que constitui uma ideia generalizada. Segundo Antunes (2007), a gramática não se pode pensar em um único sentido, porque este é um termo utilizado para se referir a coisas diversas. A palavra gramática, pode-se referir a:

Regras que regem e definem o funcionamento de uma língua como em: Língua Portuguesa; nesse contexto a gramática funciona como um saber inerente que todo falante possui de sua língua e ela tem sido chamada de gramática internalizada; Regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em gramática da norma culta; Uma perspectiva dos estudos científicos na Linguística como em Gramáticas gerativista, estruturalista, funcionalista ou a gramática de tendência histórica, ou seja, aquela usada e referida tradicionalmente através de grandes escritores e livros. (ANTUNES, 2007, p. 25).

A concepção de gramática é de um conjunto de regras que instruem a como proceder

no aprendizado e no uso de uma língua, e assim mostrar como aprender a língua inglesa, com base no conhecimento gramatical da língua materna.

Celce-Murcia (1991, pág. 279) discute que durante séculos os profissionais da educação favoreceram alternadamente abordagens de ensino que ora priorizavam a análise da língua com o intuito de aprendê-la, ora priorizavam o uso da língua com o intuito de adquiri-la. O autor (ibid., p. 6) diz que alguns argumentam que o ensino da gramática deve ser realizada ao velho estilo e seria a solução para os problemas da decadência da educação moderna; já outros argumentam que seria um desastre a utilização da gramática em sua forma tradicional.

Verifica-se que, em muitas escolas, o ensino da gramática é aplicado de forma isolada, sem nenhuma relação com os contextos de utilização. Nesses momentos, é composta por uma abordagem prescritiva e ensina-se, por exemplo, que a dupla negativa é um “erro”, apesar de ouvir frases como “*We don’t need no education*” ao invés de “*We don’t need any education*” ou “*We need no education*”. Também ensina-se que a presença do sujeito é obrigatória na frase, mas ouvimos perguntas do tipo “*Got the tickets?*”, em que ocorre a ocultação do sujeito e do verbo auxiliar, no caso, o *Have you*.

Logo, alguns livros didáticos contribuem para que esse modelo continue. Celani (1989, pág. 27) afirma que o livro didático ensina formas do sistema linguístico, sem nenhuma relação com a vida do aluno. Nas escolas podem ser conferidas práticas como a tradução, a repetição desanimadora de formas gramaticais, e exercícios de manipulação. De acordo com essa autora, os alunos nem sabem para quê utilizaram esses conteúdos.

Diante de Corbari & Lamb Fenner (2003: 271-272) em que dizem que as frases são descontextualizadas e artificiais presentes na maioria dos livros didáticos e unem aos conceitos de Widdowson (1988): o de significação (que está relacionado ao de usage) e o de valor (que está relacionado ao de use). As autoras citam a frase “*This is my leg*”. Ela possui significação, mas seu valor é irrelevante pelo fato de raramente ser utilizada em uma situação real de comunicação. Têm de estar bem clara esta noção ao professor no momento de escolha dos conteúdos.

A gramática tradicional e prescritiva apresenta regras e conceitos deficientes e, algumas vezes, incoerentes dos componentes de uma descrição gramatical. Porém, é compreensível escolher uma perspectiva descritiva, já que se tem acesso a diversas pesquisas em linguística desenvolvidas nas últimas décadas, as quais têm por objetivo descartar o “certo” e o “errado” em gramática.

Há maneiras de ensinar e/ou praticar a gramática com o uso das TDICs. Tem-se, por exemplo, a ferramenta avançada *Grammarly* de correção ortográfica e gramatical que ajuda a evitar deslizes ao escrever em inglês. Possui versões gratuitas e pagas, e seu acesso está disponível em diferentes plataformas como smartphones, tablets e computadores.

2.5 Potencialidades e Dificuldades para o uso das TDICs no ensino de línguas na rede pública

A Tecnologia Digital da Informação e Comunicação (TDIC) nos últimos anos têm adentrado na sociedade, causando impactos os quais ocasionam intensas transformações nas principais instituições sociais. Diante disto, é importante refletir sobre as potencialidades e dificuldades em sala de aula. Kenski (2007) afirma que no caso da educação, o desafio é em dobro, já que deve-se adaptar-se aos avanços tecnológicos e ter conhecimento dos novos meios.

As pessoas pertencentes às gerações Z e Alpha nasceram em um mundo tecnológico, por isso não foi difícil para se adaptarem às novas variações neste meio (Neil Howe; William Strauss, 1991). Por outro lado, o ensino-aprendizagem não seguiu o mesmo ritmo, já que os profissionais da educação não foram tão bem capacitados assim.

Segundo o Censo Escolar (2020), atuam no ensino de Língua Inglesa no Brasil 172.030 docentes nas redes pública e privada, dos quais 80,34% são do sexo feminino e 19,66% são do sexo masculino. A maioria desses docentes se situa na faixa dos 40-49 anos (33,68%) e 30-39 anos (31,77%), seguindo a tendência do quadro geral na educação básica. A média de idade de professoras e professores de Inglês é de 41,2 anos. Cada profissional leciona, em média, para cerca de 300 estudantes. Entre os docentes, 16,70% não têm ensino superior completo.

Pode-se levar em consideração o Censo Escolar de 2013, o qual relatava que 52% dos professores completaram a graduação há 10 anos ou mais, ou seja, com pouco acesso às tecnologias. Além de que o acesso às capacitações é desigual entre as regiões. Na região sul e Centro-oeste, 67% a 71% dos professores afirmam ter acesso às formações continuadas, já na região Norte somente 30% alegam ter esse acesso.

Quando levamos em consideração a prática da gramática da língua inglesa em sala de aula, vem à mente o ensino tradicional, baseado na escrita do conteúdo no quadro, da explicação do professor e das atividades. Porém, pode-se fazer muito mais do que este ensino. Lévy (1999) relata que o professor deve ser um mediador da aprendizagem, deve incentivar “troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc” (LÉVY, 1999, p. 171).

É notório que a inserção das tecnologias no ambiente escolar é de suma importância para o aprendizado do estudante. Em seu texto “A WWW e o Ensino de Inglês”, Paiva (2001) comenta que os pontos positivos da utilização das TDICs são: variedade de informação, ambiente multimídia, possibilidade de leitura não linear e diversidade de material.

De acordo com Leffa (2006), o computador pode ser usado para auxiliar no ensino das quatro habilidades (ler, ouvir, falar e escrever). O autor diz ainda que “o aluno pode, por exemplo, ouvir um diálogo, gravar sua pronúncia, ler o feedback fornecido pelo sistema e escrever um comentário.” (LEFFA, 2006, p. 14. grifos do autor). Com a internet, essa

capacidade foi ampliada, porque Leffa (2006) afirma que a rede de computadores concede ao aluno contato com comunidades online interagindo e trocando experiências em qualquer parte do mundo e com qualquer pessoa.

O computador é uma ferramenta extremamente versátil, com enorme capacidade de adaptação; pode ser usado para inúmeras tarefas, tanto no trabalho como no lazer, tanto na educação como na pesquisa. É na educação, porém, que se reflete mais sobre essa versatilidade, principalmente em termos do papel que o computador deve desempenhar[...] (LEFFA, 2006, p. 5)

Não obstante, Demarco e Kratochwill (2015) relatam que ao utilizar o computador e o acesso a internet, tem-se a possibilidade de atingir recursos para o aprendizado do idioma, por exemplo, rádio, televisão, áudio, vídeo, participação em comunidades, chats, uso *Skype*, ou qualquer serviço VoIP, que possibilita dialogar com um nativo do idioma ou até mesmo outra pessoa que possua conhecimento, fazendo em tempo real.

No contexto da internet, a comunicação síncrona - em tempo real, como chats, webconferências é próxima da linguagem oral, enquanto na comunicação assíncrona, como blogs, wikis e fóruns, proporciona maior igualdade de participação, como redação colaborativa, discussão de textos, dentre outros. (DEMARCO; KRATOCHWILL, 2015, p.10-11)

Também é possível a instalação de aplicativos em seus próprios aparelhos celulares e/ou smartphones para justamente desenvolverem a prática do idioma. Além de outras diversidades que são oferecidas pelas tecnologias. Demarco e Kratochwill (2015) relatam que esses aplicativos possuem potencialidade pedagógica, já que trazem questões de tradução, gramática, significados e até com relação à fonética das palavras.

Segundo Costa e Fonseca (2018, p. 2-3), “plataformas e aplicativos educativos disponibilizam recursos e ferramentas para favorecer a produtividade, a eficácia e a motivação nos estudos, oferecendo suporte aos docentes e dinamicidade no processo de aprendizagem dos alunos.”

Quando se fala de Inglês, encontram-se diversos cenários, um deles é o dos cursos de idiomas, no qual se usa tecnologias digitais e diferentes formas de ensinar. Em contrapartida, tem-se as escolas de ensino regular que podem ser públicas ou privadas. As escolas privadas por serem pagas mensalmente, a priori, possuem melhores condições com relação ao uso de tecnologias digitais em sala. Por outro lado, as escolas públicas, no geral, possuem suas limitações em relação a infra-estrutura, carga horária reduzida, turmas grandes, etc., o que acaba dificultando a utilização das tecnologias digitais em sala de aula (MORAES, 2021).

A inclusão de toda essa tecnologia no ambiente escolar é um desafio para educadores.. A sociedade pressiona os docentes para que as tecnologias digitais sejam inseridas no contexto educacional. Porém essa adoção requer tempo e convencimento (MORAES, 2021).

De acordo com Paiva (2015, p. 22), “o sistema educacional sempre se viu pressionado

pela tecnologia, do livro ao computador, e faz parte de sua história um movimento recorrente de rejeição, inserção e normalização”. Ou, segundo Pérez Gómez (2015, p. 49)

A aprendizagem é um processo de internalização de dados, relações e estruturas externas, naturais, sociais e culturais. O social vem primeiro, precede, e o individual deriva do social (GERGEN, 1998). O aprendiz incorpora e adota progressivamente o conhecimento especializado e a cultura da comunidade, enquanto participa nas práticas sociais adultas, hoje, obviamente, globais e, em grande parte, virtuais.

Então, para que haja a inserção das tecnologias digitais, a formação do professor é o principal ponto de partida para o sucesso desse processo. E pode acontecer de duas formas: em uma formação inicial, para os futuros professores ou em uma formação continuada, para os professores já atuantes na escola (MORAES, 2021).

De acordo com a pesquisa realizada pelo *British Council*/Plano CDE (2015), 45% dos profissionais da educação não realizam capacitações pedagógicas e alegam os seguintes motivos: não são oferecidas pela SEDUC, alto custo, falta de tempo, são no horário das aulas, não são remuneradas, são longe de casa ou são fora dos horários em escola.

Segundo o Censo Escolar (2020), em relação à formação complementar acima de 80 horas, 61,49% dos docentes indicaram não ter recebido e 24,19% informaram ter formação em áreas não especificadas. Em ordem decrescente, o que se destaca é a formação para diferentes etapas: anos iniciais (8,07%), anos finais (5,87%), educação especial (4,01%), pré-escola (3,94%), ensino médio (3,81%), EJA (2,57%) e creche (2,06%).

Paiva (2001) ressalta que os aspectos negativos do ensino de línguas por meio de tecnologias digitais incluem: a existência de matérias de baixa qualidade, excesso de opções dificultando a escolha, *homepages* mal organizadas e a dispersão através do hipertexto.

No contexto brasileiro, os profissionais de língua inglesa estão aos poucos adaptando suas aulas ao uso das TDICs. Muitos professores já usam essas tecnologias para ensino, porém outros possuem uma certa resistência ao letramento digital por falta de qualificação ou até mesmo de incentivo e apropriação das tecnologias (MORAES, 2021).

De acordo com Costa e Fonseca (2018), muitas vezes os professores não têm formação adequada e que auxilie para o uso das tecnologias em sala de aula, dificultando o uso de jogos digitais e aplicativos. Dessa maneira, só utiliza as tecnologias quem entende um pouco sobre elas ou aprendeu sozinho como utilizá-las.

A maioria dos profissionais que estão ensinando língua inglesa não têm formação na área. De acordo com os dados do *British Council* (2015), apenas 39% têm formação em língua inglesa, além de que um em cada 5 professores tem a sua formação fora da área da língua inglesa, como pedagogos.

A maior dificuldade enfrentada em sala de aula, de acordo com 81% dos professores (BRITISH COUNCIL, 2015) é a inadequação dos recursos didáticos utilizados. Os docentes

comentam a escassez ou os defeitos de tecnologias digitais, aparelho de som, dicionários, jogos, projetores e até mesmo de livros didáticos inapropriados para cada nível de conhecimento. Desse modo, 61% levam seus próprios equipamentos tecnológicos para as escolas.

Com relação aos problemas observados no âmbito do ensino do inglês, inúmeros são característicos do sistema de ensino público como um todo. Segundo o *British Council* (2015), no Brasil existem muitas escolas públicas localizadas em bairros com histórico de violência e também de alta vulnerabilidade social, isto é, não possuem conhecimento e nem acesso às tecnologias.

Nos dias de hoje, as condições de contratação também são importantes e atrapalham o ensino. De acordo com o *British Council* (2015), 27% dos professores da rede pública são temporários (ACTs), além do que em 7 Estados, os ACTs formam a maioria do corpo docente. Já os professores efetivos têm carga horária completa geralmente em uma escola de fácil acesso e próximo de casa, enquanto sobra para os ACTs cobrir as lacunas e se deslocar para os lugares que ninguém quer dar aula. Essa instabilidade prejudica o ensino-aprendizagem, por conta do tempo de deslocamento, em que poderia ser utilizado para elaboração das aulas.

3 I PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de acordo com Strauss & Corbin (1998), é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizados para coletar e analisar os dados. O método fornece os meios para se alcançar o objetivo proposto, ou seja, são as “ferramentas” das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e prática (FONSECA, 2002), já que serão levadas em consideração as respostas dadas pelos participantes e a aplicação prática dos problemas. Por refletir sobre o uso das Tecnologias no Ensino da Gramática da Língua Inglesa por meio de ferramentas digitais, este estudo está inserido na grande área de Linguagem, Educação e Sociedade e nas subáreas de Linguagem e Tecnologias, bem como de Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (especialmente Língua Inglesa) (IEL; UNICAMP).

A pesquisa se deu em 5 etapas: escrita e elaboração do projeto, realização da entrevista, análise dos dados coletados, construção da trilha formativa e produção do trabalho final.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa documental a qual analisou publicações oficiais, envolvendo processos formativos e a relação do ensino com as TDICs a fim de identificar menções a concepções teóricas norteadoras. Foram também realizadas pesquisas bibliográficas e leituras sobre teóricos que falam sobre o uso das Tecnologias no Ensino da Gramática da Língua Inglesa. Em seguida, foi construído o referencial teórico,

justificativa, metodologia, introdução e demais tópicos do projeto. (GIL, 2007)

Na próxima etapa, realizou-se uma pesquisa de campo (GIL, 2007), que consistiu na entrevista de 3 profissionais da área de língua inglesa. O local das entrevistas foi a Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa do município de Seara, Santa Catarina. As respostas foram gravadas em um aparelho celular, iPhone 11. As perguntas que constituem o roteiro de entrevista (Apêndice I) versam sobre as dificuldades que os professores encontram com relação ao ensino da língua inglesa, com o uso de tecnologias, bem como sobre ferramentas que já fazem uso nas práticas docentes. As gravações foram apenas de voz, além de que foram guardadas em arquivo pessoal dos pesquisadores.

O conteúdo das entrevistas foram transcritos apenas de acordo com os trechos que possam ser utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Desse modo, foram realizadas transcrições grafemáticas em um arquivo do Microsoft Word.

Com tais perguntas, buscou-se mapear as dificuldades e sugestões para que, no momento seguinte, foram planejados e executados tanto o trabalho final como as trilhas formativas para serem disponibilizadas aos professores das escolas públicas posteriormente. A disponibilização das reflexões e da trilha formativa será feita por meio de Email e/ou Whatsapp, enviada, inicialmente, para a escola envolvida/professores e, posteriormente, depositada na biblioteca da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó).

Esse trabalho foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) e aprovado sob o CAAE 59866022.6.0000.0116 para que pudesse garantir os direitos e a segurança dos entrevistados.

A trilha de formação foi estruturada a partir de vídeos disponibilizados na internet e organizada em um arquivo de PDF. O material contém uma contextualização teórica, conteúdos, sugestões de atividades e ferramentas que possam auxiliar os professores na condução de atividades de gramática na sala de aula. Os conteúdos e funções das ferramentas foram definidos apenas após a realização da fase de coleta de dados em campo.

4 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção, tem-se por objetivo principal mapear dificuldades de professores de língua inglesa em uma escola estadual. São discutidos os dados obtidos nas entrevistas realizadas com 3 profissionais de língua inglesa na Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa em Seara, SC.

4.1 Os docentes entrevistados

As entrevistas ocorreram entre 26/08 a 15/09 em dias divergentes, o qual cada profissional entrevistado colocou seu ponto de vista sobre o ensino da gramática da língua inglesa com o uso das tecnologias.

Com o docente A, que possui 36 anos, a entrevista durou aproximadamente 30 minutos, os quais destacou o seu domínio com as tecnologias, ressaltando que utiliza diversas ferramentas em suas aulas, além de reconhecer em certo momento a dificuldade do uso da internet e das ferramentas.

O docente B, que possui 46 anos, foi sucinto, durando em torno de 8 minutos, os quais demarcou suas dificuldades com relação às tecnologias, comentando sobre sua idade e a burocracia enfrentada, além da falta da internet nas escolas.

E o docente C, que possui 44 anos e é gestor da escola, foi o último entrevistado, durando aproximadamente 9 minutos, comentando sobre os anos que esteve fora da sala de aula e as dificuldades encontradas nas escolas quando o assunto é ferramentas adequadas.

4.2 Os resultados das entrevistas

A entrevista foi realizada efetivamente e os resultados foram compilados e agrupados para então fazer a análise de seus aspectos principais, ressaltando as perguntas principais e reunindo-as em 4 tópicos. No primeiro, intitulado “Dificuldades para o ensino de gramática da língua inglesa na escola pública” serão abordadas as principais dificuldades encontradas no ensino da gramática de inglês. No segundo tópico chamado de “Dificuldades para o uso de tecnologias digitais na escola pública” focará nas dificuldades com relação às tecnologias nas escolas públicas. No terceiro, denominado “O uso de tecnologias digitais” estará incumbido de relatar a frequência do uso das tecnologias, dificuldades, se possuem conhecimento e se já fizeram alguma formação na área. No último, que compreende “Diagnóstico de ferramentas relevantes para o ensino de gramática na escola pública” será feito um levantamento das ferramentas em que os entrevistados consideraram importantes e eficientes para serem trabalhados em sala.

4.2.1 Dificuldades para o ensino de gramática da língua inglesa na escola pública

Retomando o embasamento teórico, tem-se os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (BRASIL, 1998) de Língua Estrangeira que dizem que o ensino de Língua Inglesa no Brasil é:

[...] um **direito de todo cidadão**, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases e na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (Ciemen) e pelo

Todos têm o direito de ter acesso à aprendizagem de uma segunda língua. Porém, para os educadores existem algumas dificuldades para o ensino da gramática em escolas públicas.

Segundo o docente A, mesmo preparando as aulas de gramática, os alunos não saberão na prática, irão seguir a estrutura, não saberão falar. O docente B também comenta sobre a sua própria dificuldade na pronúncia das palavras em língua inglesa. Porém, com o uso das tecnologias pode ser aprimorado, facilitando o ensino-aprendizagem. O próprio Kenski (2007) ressalta que, atualmente, existem vários aplicativos em que podem ser utilizados para se trabalhar estruturas gramaticais na oralidade, o próprio Google e suas ferramentas, o Duolingo, entre outros.

Segundo Vygotsky (1984, p. 18),

Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

As pessoas, principalmente os estudantes, precisam da comunicação, da interação com o outro, para que assim, possam aprender. E é o professor, mediador do conhecimento, que deve oferecer esse diálogo.

O profissional A, ainda comenta que sempre procura levar o texto, a música, a imagem antes de começar a gramática. Bergsleithner (2006) enfatiza que o uso contextualizado de aspectos gramaticais de uma língua é essencial no processo de ensino/aprendizagem de LE, isto é, chamar a atenção dos alunos para seu meio.

A tão famosa frase ouvida pelos professores: “Eu nunca vou usar isso” foi mencionada pelo profissional B. Logo, acontece por conta da falta de motivação para que o aluno preste a atenção e se interesse no conteúdo tratado. De acordo com Gómez (1999), para que o aluno aprenda o inglês, não basta explicar e exigir que entenda a língua alvo. Para aprender é necessário despertar sua atenção, criar nele o legítimo interesse pela segunda língua, estimulando seu desejo de conseguir os resultados visando média, tarefas progressivas, cultivo do gosto pelos trabalhos relacionados ao inglês.

A disparidade de níveis de aprendizagem entre os estudantes de uma mesma sala é comum nas escolas públicas e foi lembrado pelo docente C. A pergunta é: Como auxiliar, neste meio, a diminuir essa desigualdade? Para Pacheco (1994) só seria reduzido com a emancipação de todo e qualquer conhecimento que se constitui em uma aprendizagem significativa dos alunos. O aluno é construtor da aprendizagem e conseqüentemente busca a descoberta pessoal e a valorização dos saberes adquiridos, portanto é preciso “[...] ajudar os alunos a refletir sobre sua própria aprendizagem e sobre suas crenças e experiência” (BARCELOS, 2006, p. 146).

4.2.2 Dificuldades para o uso de tecnologias digitais na escola pública

De acordo com Paiva (2015, p. 22), “o sistema educacional sempre se viu pressionado pela tecnologia, do livro ao computador, e faz parte de sua história um movimento recorrente de rejeição, inserção e normalização”. Ou, segundo Pérez Gómez (2015, p. 49).

A aprendizagem é um processo de internalização de dados, relações e estruturas externas, naturais, sociais e culturais. O social vem primeiro, precede, e o individual deriva do social (GERGEN, 1998). O aprendiz incorpora e adota progressivamente o conhecimento especializado e a cultura da comunidade, enquanto participa nas práticas sociais adultas, hoje, obviamente, globais e, em grande parte, virtuais.

Na pandemia, ocorreu uma urgência em se aprimorar os usos das tecnologias digitais, já que as aulas eram remotas, em que havia uma necessidade de explicar os conteúdos e passar as atividades, mas como fazer? Segundo o docente A na pandemia, o Estado ofereceu formações aos professores, porém mais voltadas para a utilização das ferramentas do Google.

De acordo com Costa e Fonseca (2018) isso ocorre, porque muitas vezes os professores não têm formações adequadas e que auxilie para o uso das tecnologias em sala de aula, o que só com uma pandemia fez despertar as TDICs como solução.

A docente B argumenta dizendo que é necessário uma formação contínua sobre o uso das tecnologias digitais em sala de aula, pois as formações de 4 horas não são suficientes. Isso considerando que a região sul é uma das regiões que mais oferece capacitações. Mediante ao Censo Escolar (2013), 67% a 71% dos professores afirmam ter acesso às formações continuadas, já em compensação a região norte do país, somente 30% têm acesso a esses cursos. Uma desigualdade imensa.

Como a BNCC (2018, p. 111), prevê-se que para a concretização do letramento digital, “é preciso que se ofereça aos professores formação adequada para o uso das tecnologias da informação e comunicação e que seja assegurada a provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para os alunos”. Isto é, para que os professores saibam mediar/usar e produzir conteúdos adequados para serem utilizados essas ferramentas, faz-se necessário o preparo dos educadores.

Com isso vem atrelado, a falta da internet, equipamentos, materiais, entre outras coisas que em escola pública acontece diariamente, segundo os docentes entrevistados. O profissional A comenta, que procura sempre levar para a escola algumas de suas ferramentas, para que não chegue na hora e dê algum imprevisto, até cita que sempre tem consigo sua JBL. O docente C comenta sobre a falta de equipamentos para a utilização, dando o exemplo que o Estado comprou somente 26 tablets para 600 alunos.

O British Council (2015) diz que, a maior dificuldade enfrentada em sala de aula, de acordo com 81% dos professores, é a inadequação dos recursos didáticos utilizados. Os docentes comentam a escassez ou os defeitos de tecnologias digitais, aparelho de som,

dicionários, jogos, projetores e até mesmo de livros didáticos inapropriados para cada nível de conhecimento. Portanto, 61% levam seus próprios equipamentos tecnológicos para as escolas.

Considerando que as escolas públicas, no geral, possuem suas limitações em relação à infraestrutura, carga horária reduzida, turmas grandes, etc. O docente A alerta que o uso de *games* com turmas grandes não funciona, pois se dispersam facilmente. E muitas vezes, esses fatores acabam dificultando a utilização das tecnologias digitais em sala de aula (MORAES, 2021).

4.2.3 O uso de tecnologias digitais

As Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação estão oportunizando várias modificações, quando diz respeito à aprendizagem e como o docente C comenta, as tecnologias vieram para somar, agregar no trabalho e na aprendizagem. Santos (2019, p. 7) comenta que,

O que pode ser aprendido não é mais previamente planejado, nem precisamente definido. Os percursos da prática pedagógica e os perfis de competência estão se formando cada vez mais de maneira coletiva, e, cada vez menos surge a possibilidade de canalizar-se em programas ou currículos que sejam válidos para todo o mundo.

Por meio do uso das tecnologias, a educação se reinventou, tornando-se mais importante a imagem de espaços de conhecimento emergentes, abertos, contínuos, em fluxos, não lineares, dialógicos e dialéticos que se organizam de acordo com o meio em que se vive, do que a aprendizagem estruturada por níveis, organizada de acordo com os pré-requisitos, entre outras exigências (KENSKI, 2007).

O docente A ainda ressalta que existem muitos slides e canvas prontos para serem trabalhados, além de que os slides, imagens, frases prontas funcionam mais que músicas, o visual no inglês é importantíssimo para a compreensão.

Segundo Marcuschi (2005, p. 13), “os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som”. Por esse motivo, o papel da tecnologia digital no ensino de línguas está sempre se modificando e dessa maneira, facilitando e estimulando o aluno.

Muitos professores já usam essas tecnologias para ensino, porém outros possuem uma certa resistência ao letramento digital por falta de qualificação ou até mesmo de incentivo e apropriação das tecnologias (MORAES, 2021).

Considerando o uso das tecnologias para professores da geração Y ou X (Neil Howe; William Strauss, 1991), segundo o docente B, os professores que vieram de uma outra geração citam: “eu com 46 anos não tenho essa habilidade com as tecnologias”. O profissional C, que possui 44 anos, também enfatiza que quando trabalhava em sala pouco se utilizava das tecnologias e que não possui muito domínio. Assim, é difícil trazer as TDICs

para dentro da sala de aula. Por essa razão, conforme o Censo Escolar (2013), 52% dos professores completaram a graduação há 10 anos ou mais, ou seja, com pouco acesso às tecnologias.

E a pergunta é como utilizar essas ferramentas, se não sou adepto a elas? Por causa disso volta-se a importância de formar os professores, porque afinal Lévy (1999) relata que o professor deve ser um mediador da aprendizagem, deve incentivar “troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem, etc” (LÉVY, 1999, p. 171) para que, na troca de conhecimentos e discussões tenha-se alunos pensantes e ativos na sociedade.

4.2.4 Diagnóstico de ferramentas relevantes para o ensino de gramática na escola pública

Nos dias atuais, a tradução, leitura, escrita, fala, audição e a gramática foram facilitadas de acordo com a utilização das tecnologias. Ao pensar em tradução, vem à mente o *Google Tradutor*, uma ferramenta online que auxilia nas traduções, além de outros aplicativos e dicionários online que podem ser utilizados. O *Google Tradutor* é útil também para a parte da leitura, escrita e audição em língua inglesa. A respeito da gramática, com dois cliques temos acesso a estruturas, exemplos e atividades para serem feitas online, além de inúmeros vídeos no Youtube com explicações diversas.

O docente A citou que utiliza slides, músicas, canvas prontos, *Kahoot*, sites que possuam inglês e vídeos do Youtube. O profissional B comentou que não utiliza as ferramentas digitais, pois possui dificuldades, mas que possui conhecimento do *Kahoot* e do *Powerpoint*. O educador C fomentou que utilizava em sala de aula, músicas e slides, além de, observando as aulas pelo lado de fora, acredita que os vídeos, podcasts e *Kahoot* funcionam muito bem.

Por conseguinte, ressaltamos a importância da formação adequada para esses profissionais. É por meio dos professores que os alunos têm o contato com o conhecimento. E Segundo Jean Piaget (1998), cada indivíduo aprende buscando informações no mundo e através disso construindo seu próprio e único conhecimento. O professor é o mediador para que os alunos saibam ir em busca de informações com responsabilidade.

5 | TRILHA PEDAGÓGICA³

Nesta seção tem-se por objetivo principal, após a análise dos dados, elaborar uma trilha formativa para o uso de TDICs na educação a partir de conteúdos disponibilizados na internet, para que os professores, principalmente de língua inglesa, possam utilizá-los em suas aulas.

³ A trilha pedagógica e/ou formativa são consideradas como sinônimas.

5.1 Proposta de trilha formativa para professores de língua inglesa

Caros professores(as),

Esta trilha pedagógica tem como objetivo contribuir para a criação de aulas de inglês dinâmicas e interativas envolvendo as tecnologias digitais. Portanto, procurou-se vídeos do Youtube e links de sites para serem visitados e explorados. A partir de uma seleção de materiais, reuniu-se alguns deles que são positivos para o ensino e também exemplos de atividades em Língua Inglesa que podem ser realizadas. Com base nisso, foram elaboradas 3 tipos de atividades que podem ser realizadas em sala de aula: atividades em duplas, atividades individuais e atividades coletivas.

Para as atividades em duplas têm-se a plataforma [Anchor](#), que pode ser baixada no celular ou usada de forma online pelo computador. Os vídeos abaixo mostram o passo a passo para o uso dessa ferramenta no seu computador:

1. Introdução ao Anchor
2. [Anchor] Como criar uma Conta Gratuita no Anchor
3. Configurando o seu Podcast no Anchor
4. Configurações Avançadas do Anchor
5. Gravando seu Primeiro Episódio de Podcast no Anchor
6. Como Gravar um Podcast #06 | Editando um Episódio
7. Utilizando a Biblioteca de Mídia do Anchor
8. Como aplicar Música de Fundo no Podcast usando o Anchor
9. Aplicando transições entre gravações no Anchor
10. Publicando o Episódio do Podcast usando o Anchor
11. [Anchor] Como acessar a Página do seu Podcast no Anchor
12. Como [compartilhar o Feed do seu Podcast no Anchor](#)

Se o Anchor foi baixado em seu celular, é possível gravar, editar e compartilhar seu podcast, tudo pelo aparelho. O vídeo a seguir, irá explicar melhor como fazer:

- 1- [COMO fazer PODCAST pelo CELULAR - Anchor](#)

É possível utilizar também o site do [British Council Learn English](#) de forma gratuita para realizar atividades em duplas, de acordo com o conteúdo a ser explorado. Assista o vídeo para saber como esse site funciona:

- 1- <https://www.youtube.com/watch?v=mXL5gg9XRtW>

Nas atividades individuais, destaca-se o [British Council Learn English](#) que é apropriado para praticar o inglês com foco nas quatro habilidades (*speaking, reading, writing, listening*). Além dos vídeos que podem ser assistidos para o aprimoramento das atividades: [British Council | LearnEnglish - YouTube](#).

Outro aplicativo/site que pode ser usado individualmente é o [Duolingo](#), em que possui várias opções para estudar inglês, inclusive, acompanhar o desenvolvimento de seus alunos e até mesmo ajudar a nivelar a turma. Assista ao vídeo a seguir para conhecer essa alternativa:

1- Ensino a distância e Duolingo para Escolas: Facilitou 1000% meu trabalho!

Pensando nas atividades coletivas, pode ser implementado também o [British Council Learn English](#) em que é possível projetá-lo utilizando seu computador. O professor pode questionar os alunos e eles respondem, havendo uma interação coletiva para a discussão das questões.

Outra opção de ferramentas digitais que pode ser válida é o [Miro](#). Trata-se de um quadro online, em que você pode criar diversas formas de ensinar, como mapas mentais, gráficos, figuras, vídeos e a partir disso os alunos interagem e respondem por meio desse instrumento. Assista ao vídeo abaixo para saber como você pode usá-lo e fazê-lo:

1- Tutorial Ferramenta Miro em português pt-br | Quadro Branco Virtual

Para as atividades coletivas, deixarei um aplicativo extra que pode ser utilizado em sala de aula. O [Nearpod](#) é um recurso digital que possibilita a produção de slides com perguntas e respostas para que os alunos possam interagir e responder questões sobre determinado assunto.

1. Tutorial Nearpod (parte 1 - O que é o Nearpod?)
2. Tutorial Nearpod (parte 2 - Atividades e recursos)
3. Tutorial Nearpod (parte 3 - Criar uma Lição)
4. Tutorial Nearpod (parte 4 - Apresentar uma lição aos alunos)

Agora desafio você a continuar sua formação utilizando a pesquisa e vídeos tutoriais do Youtube, uma vez que podem ser úteis para estimular tanto os alunos quanto você, professor!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender as dificuldades e potencialidades do ensino da gramática de língua inglesa em escolas públicas com o uso das tecnologias digitais (TDICs) para que esses profissionais que vieram de outra geração possam utilizar essas tecnologias e transformar a educação, no ambiente escolar.

A partir de pesquisas de cunho bibliográfico, pesquisas documentais, foi construído a base teórica. Em seguida, foi feita uma pesquisa de campo, com alguns profissionais da área de língua inglesa. Com base nas informações coletadas, foi feita uma análise das respostas dadas pelos professores nas entrevistas. Posteriormente, foi elaborada uma trilha formativa para o uso das TDICs na educação.

Para se atingir uma compreensão da análise das dificuldades com relação ao uso

das tecnologias digitais no ensino da gramática de língua inglesa na Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa de Seara, Santa Catarina, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro foi traçar um panorama das TDICs no campo da educação no Brasil. Verificou-se que esse novo cenário de ensino-aprendizado, focando na língua inglesa, baseado no uso das tecnologias, vem com perspectivas positivas com relação ao conhecimento adquirido pelos alunos, quebrando os modelos de ensino tradicionais (SANTOS, 2020), contando que a geração Z e Alpha são pessoas que nasceram em um mundo tecnológico (Howe; Strauss, 1991). Por outro lado, o ensino-aprendizagem não seguiu o mesmo ritmo, já que os profissionais da educação não foram tão bem capacitados assim.

Depois, mapeou-se dificuldades de professores de língua inglesa em uma escola estadual. Examinou-se, a resposta do docente B a uma das perguntas, considerando os professores que vieram de uma outra geração, cita: “eu com 46 anos não tenho essa habilidade com as tecnologias”. O profissional C, que possui 44 anos, também enfatiza que quando trabalhava em sala pouco se utilizava das tecnologias e que não possui muito domínio. Dessa maneira, se torna difícil trazer as TDICs para dentro da sala de aula. Agregando um objetivo com o outro pode-se ver que se complementam.

Em seguida, elaborou-se uma trilha formativa para o uso de TDICs na educação a partir de conteúdos disponibilizados na internet. A análise permitiu concluir que existem inúmeros vídeos disponibilizados na internet, mas que também devem ser proporcionados momentos de aprendizado aos profissionais que não possuem muito tempo e nem sabem mexer com este meio tecnológico.

Logo, a hipótese do trabalho de que haviam grandes dificuldades com o uso das tecnologias em sala de aula se confirmou, porque, de acordo com as entrevistas e as pesquisas realizadas, com relação à formação complementar acima de 80 horas, 61,49% dos docentes indicaram não ter recebido e 24,19% informaram ter formação em áreas não especificadas.

Desse modo, por mais que o Estado ofereça meios tecnológicos a serem trabalhados e até algumas formações continuadas não são suficientes para implementá-las em sala de aula. Devido aos fatos, a maioria dos professores possuem uma enorme dificuldade com o uso das tecnologias digitais e, por não possuírem tempo ou por algum outro motivo, acabam não realizando formações que envolvam essas formas dinâmicas de se trabalhar.

Os instrumentos de coleta dos dados permitiram comprovar os aspectos abordados nesta pesquisa, foram de suma importância para o desenvolvimento e concretização, principalmente ao se tratando do produto final, que no caso é a trilha formativa. Porém, também foi enfrentado algumas dificuldades no decorrer do caminho, principalmente com relação à análise e pesquisas realizadas. Em pesquisas futuras, pode-se pensar em diferentes formas de acontecer essa trilha formativa e de fazê-la, para que assim não se torne algo maçante para quem vai realizar a formação.

Este, foi um dos meios encontrados para que se concretizasse a finalidade de

auxiliar os profissionais da educação a interagir e entrar nesse mundo tecnológico. Em pesquisas futuras, pode-se pensar na gravação de vídeos para a trilha formativa e de como pode ser composta as aulas gramaticais utilizando as TDICs.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para minha mãe e meu pai (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Tudo pode ser tirado de um homem, menos a última de suas liberdades, a de escolher de que maneira vai agir diante das circunstâncias do seu destino. (Viktor Frankl, 2013).

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade e forças para seguir a jornada de quatro anos no qual passei por inúmeras mudanças e dificuldades e na reta final me presentear com a realização dos meus dois sonhos: ser Professora e fazer intercâmbio.

Primeiramente, sou grata por todo auxílio da minha família, principalmente agradecer a minha mãe que sempre me apoiou e incentivou a acreditar em mim mesma.

Agradeço às pessoas que convivo diariamente, amigos, colegas e namorado pelo suporte e carinho nestes 4 anos.

O orientador Prof. Helder Oliveira Cavalcanti, pelo auxílio e conhecimento transmitido, por sempre ajudar, pela sua paciência e dedicação.

Queria homenagear e agradecer cada um dos professores de Letras - Português e Inglês: Helder Oliveira Cavalcanti, Juceli Morello Lovatto, Marcia de Souza, Marcia Ione Surdi, Rosa Maria Cominetti e Rosane Natalina Meneghetti Silveira, que foram os pioneiros para estar onde estou, com certeza serei eternamente grata por todo o suporte nesses 4 anos.

Às pessoas entrevistadas, que contribuíram e muito para a concretização deste trabalho.

Agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para a elaboração desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância na internet**: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n. 2, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 12 de abr. de 2022.

ANDRADE, Maria de. **Ensino de língua inglesa e as novas tecnologias**: mediações pedagógica e interação social. Souza, PB, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6330/1/PDF%20-%20Maria%20de%20Andrade.pdf>>. Acesso em 14 de abr. de 2022.

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 3º ed. 2007.

ARAÚJO, Júlio Cesar. **Internet e ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, **Orientações Curriculares de Língua Estrangeira para o Ensino Médio**, Brasília, 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Brasília: MEC, 2001. BRASIL. Parecer CNE/CP9/2001 - **Diretrizes Curriculares Nacionais** para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília: MEC, 2001.

BRITISH COUNCIL. **O ensino do inglês na educação pública brasileira**. São Paulo, SC, 2015. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_omensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf> Acesso em: 30 de mar. 2022.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. **Ensino de língua inglesa**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

CELANI, M. A. Alba. **O ensino de línguas é essencial**. Nova Escola, São Paulo, n. 116, p. 27-29, dez. 1989.

CELCE-MURCIA, Marianne, (ed.) **Teaching English as a second or foreign language**. 2. ed. Boston: Heinle&Heinle, 1991.

CORBARI, Clarice C.; LAMB FENNER, Any. **Talvez textos que lembrem rostos familiares, cenários próximos à gente...** Línguas & Letras, Cascavel, V. 2 e 1, n. 6 e 7, p. 269-276, 2002/2003.

COSTA, P. T. da ; FONSECA, N.B.de L. **Tecnologias digitais para aprendizagem de língua Inglesa**. In: Simpósio tecnologias e educação a distância no ensino superior UFMG 2018. Disponível em: <<http://revista.uemg.br/index.php/Simposioteceedadistnoenssuperior/article/view/3027>>. Acesso em: 01 de maio de 2022.

CRYSTAL, David. **Rediscover Grammar**. London: Longman, 1999.

DEMARCO, Sílvia Regina Sênos ; KRATOCHWILL, Susan. **A cultura digital e o ensino da língua Inglesa**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; 2018. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA19_ID8563_25082018162916.pdf> Acesso em: 01 de maio de 2022.

DIGITAL. In: MICHAELIS, **Dicionário Online de Português**. Melhoramentos, 2022 Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/digital/>>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

FERRAZ, Obdália org. **Educação, (multi)letramentos e tecnologias**: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura. Salvador. Edufba, 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2011.

- GÓMEZ, Pascual Cantos. **A Motivação no Processo Ensino/Aprendizagem de Idiomas: um Enfoque Desvinculado dos Postulados de Gardner e Lambert.** *Trabalhos de Linguística Aplicada*, v. 34, jul/dez 1999, p.53-78.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.
- IEL; UNICAMP. Áreas e Subáreas. Seminários de Teses em Andamento. Disponível em: <<https://www2.iel.unicamp.br/seta/areas-e-subareas/>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 25 de abr. de 2022.
- INEP. **Censo Escolar da Educação Básica.** 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/publicados-resultados-preliminares-de-2022>>. Acesso em: 12 de abr. de 2022.
- INEP. **Censo Escolar da Educação Básica.** 2013. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/publicados-resultados-preliminares-de-2013>>. Acesso em: 12 de abr. de 2022.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss conciso.** São Paulo: Moderna, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009.** 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45419.pdf>> Acesso em: 24 de abr. de 2022.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Papyrus. Ed. 3°. Campinas, SP, 2007.
- LEFFA, V. J. . **A aprendizagem de línguas mediada por computador.** In: Vilson J. Leffa. (Org.). *Pesquisa em linguística Aplicada: temas e métodos.* Pelotas: Educat, 2006.
- LEFFA, V. J. **Aprendizagem mediada por computador à luz da Teoria da Atividade.** *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, 2005.
- LEFFA, Vilson J. **Identidade e aprendizagem de línguas.** In: SILVA, K.A.; DANIEL, F. G. KANEKO MARQUES, S.M.; SALOMÃO, A. C. B.. (Orgs.). *Formação de Professores de Línguas-Novos Olhares-Vol. 2.* São Paulo: Pontes, 2012.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1994. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%AAncia.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino.* 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MORAES, Leonardo de Albuquerque. **As tecnologias digitais nas aulas de língua inglesa: uso e percepções dos docentes.** Recife, PE, 2021, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/40961/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Leonardo%20de%20Albuquerque%20Moraes.pdf>> Acesso em: 30 de mar. 2022.

PACHECO, Jose Augusto B. Área escola: projecto educativo, curricular e didáctico. Revista Portuguesa de Educação, v.7, n. 1-2, p. 49-80, 1994.

PAIVA, V.L.M.O. **A WWW e o ensino de inglês.** Revista brasileira de linguística aplicada, 2001.

PAIVA, V.L.M.O. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras.** In: JESUS, D, M. de; MACIEL, R. F. (Org.). Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente. Campinas: Ponte Editores, 2015.

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança.** Rio de Janeiro: Record, 1936.

_____. **Teorias da linguagem teorias da aprendizagem.** Lisboa: 70, 1987. (O Saber da Filosofia; 20)

_____. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **Psicologia e pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **A linguagem e o pensamento da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A construção do real na criança.** São Paulo: Ática, 2001.

ROJO, Roxane. **Escola Conectada: Os Multiletramentos e as TICs.** Parábola, 1º ed. 2012.

SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio: disciplinas curriculares.** Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTOS, Juciene Gouveia dos. **O uso das tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino de inglês.** 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1117?mode=full>>. Acesso em 15 de abr. de 2022.

SANTOS, Jocenildes Zacarias. **Tecendo fios de conhecimento na rede em processos de formação.** 2019. Disponível em: <http://educonse.com.br/2010/eixo_09/e9-56.pdf>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.

SANTOS, Tássia Ferreira; BEATO, Zelina; ARAGÃO, Rodrigo. **As TICs e o ensino de línguas.** Universidade Estadual de Santa Cruz. 2010. Disponível em: <<http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/10.pdf>>. Acesso em: 30 de mar. 2022.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques.** Newbury Park, CA: Sage Publications, 1998.

STRAUSS W, HOWE N. **Generations: The history of America's future, 1584 to 2069.** 1º ed. New York: Quill; 1991.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss Conciso.** 1ª ed. rev. e ampl. de acordo com a nova ortografia São Paulo: Moderna, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ROTEIRO DA ENTREVISTA:

Irei me apresentar e apresentar o projeto: Meu nome é Débora Regina Mattiello, sou acadêmica do curso de Letras - Português e Inglês da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Estou realizando um projeto de pesquisa e como etapa do projeto de pesquisa que desenvolvo sob a orientação do professor Helder Oliveira Cavalcanti, precisamos que seja respondido esse questionário com o objetivo de analisar as dificuldades com relação ao uso das tecnologias digitais no ensino da gramática de língua inglesa na Escola de Educação Básica Raimundo Corrêa de Seara, Santa Catarina.

QUESTIONÁRIO:

1. Qual é o seu nome? E a sua idade?
2. Em que ano você se formou?
3. Quais foram as maiores dificuldades no começo da docência de língua inglesa?
4. O que você considera ser mais difícil no ensino da gramática da língua inglesa em escola pública?
5. Você acredita ser mais fácil dar aulas com o uso de tecnologias digitais? Por que?
6. Você teve oportunidade de fazer alguma formação para uso das tecnologias digitais? Se sim, qual/quais?
7. Você considera que tem que nível de domínio das tecnologias digitais?
8. Você utiliza alguma ferramenta digital para o ensino de gramática? Como ficou sabendo dessas ferramentas?
9. Quais outras estratégias você utiliza em sala e que recomendaria para outros professores?
10. Quais são as dificuldades encontradas nas dinâmicas virtuais no ensino da gramática da língua inglesa em escolas públicas?
11. Como essas dificuldades afetam os planejamentos de professores e o aprendizado dos alunos?
12. Caso existam, quais fatores auxiliam para que essas dificuldades se tornem maiores?
13. Sugestões ou comentários que você acha que podem contribuir com a pesquisa.

AGRADECIMENTO

Sua contribuição foi e será de suma importância, agradeço pelas suas respostas e por se dispor a respondê-las. Obrigada!